

**Por uma filosofia do Jornalismo contemporâneo:
reflexões à luz da obra de Luiz Beltrão**

*A philosophy for a contemporary journalism:
a reflection on Luiz Beltrão writings*

Flávia Moreira Mota e MOTA¹

Resumo

À luz da obra de Luiz Beltrão produzida no final dos anos 1950 e publicada em 1960, cujo título é “Iniciação à Filosofia do Jornalismo”, intenciono no presente artigo recuperar elementos do jornalismo apresentados pelo autor e pensar nas rupturas e permanências que configuram o jornalismo (ou jornalismo) na contemporaneidade. Desse modo, apresento uma reflexão sobre as manifestações do jornalismo na sociedade atual, suas características, suas transformações e o que esses fatores podem representar para o presente e futuro da profissão, bem como os desafios que jornalistas em formação e/ou em exercício encontram em um contexto de redações de notícias cada vez mais reduzidas, fragmentadas e fortemente influenciadas pela cultura digital.

Palavras-chave: Jornalismo. Contemporaneidade. Profissão.

Abstract

In this article based on “Initiation to a philosophy of journalism”, written by Luiz Beltrão in the late 1950s and published in 1960, I intend to recover the elements brought up by the author, having as focus the ruptures and permanencies that configure aspects of contemporary journalism (actually, journalisms). It is a reflection on the journalism that has been practiced in today's society, with a discussion about the issues also related to its characteristics and transformations as factors that possibly are, or will be, in the present, and/or in the future, of the profession, when journalists encounter the challenges of a reduced number of newsrooms which are also being fragmented and strongly influenced by digital culture.

Keywords: Journalism. Contemporaneity. Profession.

Introdução

Em um texto produzido no final dos anos 1950, publicado em 1960, intitulado “Iniciação à Filosofia do Jornalismo”, o jornalista e professor Luiz Beltrão apresentou uma ampla discussão que versava sobre as condições técnicas, éticas e estéticas da

¹ Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: flaviamota@uesb.edu.br.

profissão, ao passo que, em uma perspectiva filosófica, abordava também o papel do jornalismo e sua responsabilidade social em um contexto de intensas transformações. Na condição de docente, ele foi também um dos pioneiros na defesa da formação e na consolidação de um método para o ensino universitário na área (BELTRÃO, 1992, 2012), tornando-se o primeiro doutor em Ciências da Comunicação do Brasil, no ano de 1967.

A adoção de Luiz Beltrão (1992) como referência para a discussão sobre a prática do jornalismo na atualidade se deve pela relevância e pioneirismo do autor na produção acadêmica sobre o jornalismo - especialmente em um período no qual a literatura em língua portuguesa sobre a profissão era relativamente escassa -, pela ampla defesa da formação de jornalistas em nível superior empreendida por ele e, por que, em sua essência, a filosofia do jornalismo apresentada pelo autor resguarda, em certa medida, uma atualidade nas questões delimitadas em sua obra. Assim, que rupturas e permanências podem ser observadas nessa prática social, a partir dos escritos de Beltrão? Diante dessa questão, que cenário profissional os egressos de jornalismo encontrarão diante de si? Essas são questões que serão abordadas ao longo do trabalho.

Portanto, este artigo tem como objetivo apresentar uma descrição das características do jornalismo enquanto prática social e suas manifestações na contemporaneidade. Proponho uma reflexão sobre o mundo do trabalho dos jornalistas, considerando que é para esse mercado que muitos estudantes formados na área serão direcionados. Embora haja uma defesa de que as escolas de jornalismo não devem ter como objetivo principal formar mão de obra para o mercado, faz-se necessário que os currículos desse curso estejam adequados à realidade profissional.

Para refletir e para agir: a filosofia do jornalismo a partir de Luiz Beltrão

Luiz Beltrão chama a atenção para o fato de que o jornalismo não pode ser compreendido como uma atividade “isolada, contemplativa, abstrata” (BELTRÃO, 1992, p. 100), mas deve ser percebido como um movimento sempre ligado à vida social sobre a qual exerce influência na fixação de conceitos, na circulação de ideias e na formação das correntes de opiniões. Implica compreender que ao mesmo tempo em que o jornalismo pode influir na opinião pública, ele (re)age conforme as respostas que o público “devolve” ao seu trabalho.

Em síntese, o autor secciona sua obra em quatro partes que somam reflexões construídas ao longo de quase uma década acerca dos modos de ser/agir do jornalismo (HOHLFELDT, 2010). Em “*As manifestações do Jornalismo*” (primeira parte), Beltrão (1992, p. 95) se ocupa em traçar um panorama histórico da prática jornalística, da sua “origem e evolução” até o “jornalismo pela imagem”, destacando que a retomada dessas noções históricas tinha como objetivo “situar o jornalismo como atividade essencial à vida das coletividades, como uma instituição social que, no mundo moderno, assume posição da mais alta relevância”.

É importante salientar que, dada a natureza do artigo, não será apresentada uma descrição detalhada sobre as manifestações do jornalismo e da construção da notícia tal como foi proposto por Beltrão, uma vez que as informações apresentadas por ele dizem respeito a um período/contexto histórico específico. É necessário reconhecer que as plataformas de produção e transmissão de conteúdo (noticioso ou não) se adaptam conforme o aprimoramento das tecnologias da informação e da comunicação. Destaco, a partir da obra mencionada, a essência e o conceito de jornalismo, tecidos pelo professor e pesquisador, os quais, sinteticamente, podem ser elencados da seguinte maneira: produção, interpretação e transmissão dos fatos correntes à sociedade; difusão de conhecimentos pertinentes à orientação da opinião pública e promoção do bem comum. Em suas palavras,

Essas multiplicidades das manifestações do jornalismo nos nossos dias é que torna complexa a sua definição. Conhecemos numerosos conceitos de jornalismo, uns objetivos, outros literários, uns positivos e outros puramente retóricos. Da nossa parte, procuramos fixar um conceito simples, mas que inclua as características fundamentais do periodismo. Diremos, primeiro, que fazer jornalismo é informar (BELTRÃO, 1992, p. 65, grifos do autor).

O autor, desde aquela década, já chamava a atenção para a multiplicidade de manifestações do jornalismo, tanto sobre a atuação dos seus agentes quanto às plataformas e estratégias adotadas para atingir sua finalidade precípua: informar. Mediante a leitura desse excerto é possível compreender que um conceito válido de jornalismo não pode se restringir às técnicas ou aos meios, uma vez que as estratégias de produção da informação se adaptam ao tempo/espaço. Como um defensor do jornalismo, Beltrão (1992, p. 33) acredita que

Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a uma necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo. É próprio da nossa natureza informa-se e informar, reunir a maior soma de conhecimentos possível do que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças, na comunidade em que vivemos, entre os povos que nos rodeiam e, mesmo, nos mais longínquos rincões do mundo. Através desse conhecimento dos fatos, o homem como que alimenta o seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e consequências dos acontecimentos, sente-se apto à ação.

A aptidão para ação a qual o autor se refere pode ser considerada como uma das “permanências” no presente do jornalismo. A tomada de decisões dos cidadãos no cotidiano ainda é fortemente influenciada pelas informações e opiniões que são ordinariamente veiculadas nos diferentes meios (MEDITSCH, 2007). Tal assertiva pode ser comprovada observando o contexto recente de Pandemia da COVID-19² que assolou todo o mundo e impactou a ordem social vigente, na saúde, na economia, na educação, nas relações interpessoais etc.

Em meio ao cenário de desinformação, de compartilhamento de *fake news* nas redes sociais digitais, o jornalismo, em suas múltiplas formas de manifestação, se colocou (com muitas ressalvas) como um instrumento de esclarecimento dos fatos em curso. Suas estruturas profissionais e protocolos internos foram acionados na perspectiva de minimizar a possibilidade de equívocos na transmissão de informações (SÁDABA; SALAVERRÍA, 2022) e, para ajudar os cidadãos a elucidar questões complexas inerentes àquela realidade. Nos primeiros meses do período pandêmico foi possível observar que diversos veículos tradicionais criaram seções especiais em sua grade de programação ou na diagramação dos impressos para tratar, especialmente, sobre a Pandemia provocada pelo Coronavírus. Nunca se produziu tanto sobre Ciência e Tecnologia em um período de tempo tão curto e, o jornalismo científico ganhou notoriedade entre todas as editorias. O público em geral voltou sua atenção para a Ciência e uma seleção de especialistas composta por médicos, cientistas, pesquisadores brasileiros e de outras nações, passou a transitar exaustivamente como fonte de jornais e até de programas de entretenimento.

Em circunstâncias dessa natureza, essa prática reaviva seus discursos de autolegitimação e defende sua relevância para a sociedade (JÁCOME, 2020), assumindo uma postura de defensora dos princípios democráticos, que possui como bússola os

² Em 11/03/2020 o diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, fez uma declaração oficial elevando o estado de contaminação à Pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). UNA-SUS (2020).

valores éticos necessários ao fortalecimento da vida pública e do bem comum. Nesse sentido, é possível compreender que

a ancoragem da legitimidade profissional do jornalismo na sua função social está muito ligada à ideia de serviço público. O jornalismo como um serviço necessário nas sociedades democráticas constitui um dos núcleos centrais da ideologia do jornalismo e da forma simbólica como se representa, quer dentro quer para fora da profissão. A ideia de serviço público perpassa por inúmeros códigos deontológicos dos jornalistas, considerados como um dos instrumentos da afirmação dos valores e do caráter profissional do jornalismo (CAMPONEZ; OLIVEIRA, 2021, p. 254).

Sendo assim, pensar o jornalismo como um serviço público é reconhecer o seu potencial para a (con)formação da opinião pública, no aspecto de munir o cidadão com informações úteis e relevantes que o ajudarão na tomada de decisões no cotidiano.

Após apresentar um recorte sobre as “manifestações do jornalismo”, na segunda parte da obra Beltrão delimita “Os caracteres do jornalismo”, sob o argumento de que existem características fundamentais nessa atividade que a diferenciam de outras práticas sociais. Segundo ele, “a atualidade, a variedade, a interpretação, a periodicidade, a popularidade e a promoção jornalísticas” são atributos essenciais para que o jornalismo alcance seus objetivos: “a difusão sistemática de conhecimentos e a sistemática orientação da opinião pública” (BELTRÃO, 1992, p. 69).

Em seguida, a terceira parte do texto é dedicada aos “Agentes do Jornalismo”, identificados por Beltrão como sendo “o público, o editor, o técnico e o jornalista”. Nessa seção, o autor descreve a função e a relevância de cada agente na produção da informação jornalística e como esses papéis devem estar integrados para que o jornalismo tenha sua função social cumprida em sua plenitude. Como aspecto relevante dessa passagem, destaco que, já no fim da década de 1950, o pesquisador assinalava que o público não tinha uma relação de passividade com os meios, contrariando o que preconizava a “Teoria da agulha hipodérmica”³. Em oposição ao que se defendia em tal teoria, na equação da comunicação social, Beltrão posiciona o público como um agente ativo cuja contribuição na imprensa era frequente:

³ A “Teoria da Agulha Hipodérmica” ou “Teoria das Balas Mágicas” foi uma concepção desenvolvida por Harold Laswell na década de 1930 sobre o efeito que os meios de comunicação exerciam em seu público. Os Estudos da Comunicação nesse período compreendiam que a natureza humana era relativamente uniforme e, portanto, na tentativa de explicar os efeitos da comunicação de massa na formação da opinião pública, acreditava que a mensagem transmitida pela mídia seria recebida e espalhada de maneira uniforme entre os receptores.

[...] o jornalismo tem a sua causa e o seu objetivo no organismo social. Nenhum povo, nenhuma coletividade dispensa o jornalismo. Sem a informação e a orientação que o jornalismo transmite, a vida social seria impossível. [...] O jornalismo é feito, pois, do *público e para o público*. E também, como verificamos a seguir, *pelo público*. O que equivale dizer que o *público* é um dos agentes do jornalismo, com o *são* o *editor*, o *técnico e o jornalista* (BELTRÃO, 1992, p. 111, grifo do autor).

Em tempos de popularização do acesso à internet e das redes sociais virtuais, a distribuição de conteúdos é determinada muito mais por algoritmos do que por emissores tradicionais e a compreensão do público como agente ativo nos processos comunicativos ganha ainda mais força, já que ele reivindica seu lugar desde a seleção, passando pela produção chegando até a disseminação de conteúdos.

Por fim, a quarta parte do texto é destinada à discussão das “Condições do Jornalismo”, onde o autor aborda “o problema da liberdade” e “o problema da responsabilidade” inerentes à profissão. Hohlfeldt (2010, p. 37) retoma breves excertos da obra de Beltrão para explicar que:

No fundo, era a sua grande meta, e por isso havia batizado sua obra sob a perspectiva filosófica (que implicava ética). A liberdade é um “valor inerente e essencial” ao jornalismo, garante o autor (p. 174), sobretudo porque, na perspectiva de Beltrão, o jornalista é um intelectual. Composto a necessidade de liberdade com a de responsabilidade, o autor reconhece que os limites da liberdade não pertencem apenas à ordem jurídica, mas são também morais, filosóficos e religiosos (p. 177) (HOHLFELDT, 2010, p. 37).

Nessa perspectiva, liberdade e responsabilidade são condições fundamentais que se complementam no exercício profissional. A primeira, garantida pela competência do Estado, e a segunda, própria do seu agente, parte do indivíduo e é exigida por ele mesmo, pela comunidade na qual está inserido e, também, pelo Estado. A liberdade na transmissão das notícias deve ser desfrutada com responsabilidade por parte dos agentes do jornalismo. Ela não pode ser tomada como subterfúgio para justificar quaisquer comportamentos no âmbito profissional que firam os preceitos éticos e deontológicos da profissão. A preservação de uma conduta moral adequada se consolida na credibilidade para os jornalistas e veículos e na influência que eles podem exercer na opinião pública.

A intenção de apresentar brevemente as considerações sobre a filosofia e a prática do jornalismo, evidenciadas pelo autor foi demonstrar que, enquanto ação sedimentada no seio social, o jornalismo é marcado por rupturas, mas também por permanências.

Sempre haverá elementos norteadores do que é o jornalismo e da sua função na sociedade; os jornalistas adotarão para si determinados consensos que conferirão um padrão de ação no âmbito profissional. São essas permanências que contribuem para a construção de um *ethos* da profissão, que nos ajuda a distinguir a informação jornalística de outras modalidades narrativas ou construções textuais.

Existe uma espécie de “contrato” invisível que leva as pessoas a consumirem notícias, não passivamente, como acreditavam as teorias tradicionais do jornalismo, mas de forma ativa, seja através dos espaços de interatividade (comentários, enquetes, espaços para perguntas), como fonte de sugestão de pautas ou mesmo com o envio de imagens amadoras que são comumente inseridas nas edições das matérias.

Assim, as reflexões apresentadas por Beltrão sobre o cotidiano, os valores e a própria natureza da profissão ainda podem ser reafirmados em uma filosofia do jornalismo na contemporaneidade. É preciso considerar que, embora as técnicas da construção da notícia sejam mutáveis e sofram interferências dos (novos) saberes e fazeres advindos dos avanços das tecnologias da comunicação e da informação, existem princípios inerentes ao *ethos* jornalístico que são preservados com o passar do tempo. Diante de tais considerações e tomando como inspiração e retomando excertos da obra de Beltrão, proponho aqui uma **Filosofia do Jornalismo Contemporâneo**.

Antes de adentrar na ideia de uma filosofia do jornalismo contemporâneo, é necessário destacar a noção de contemporaneidade mobilizada nessa pesquisa. Tal concepção não se reduz a um conjunto de eventos “atuais”, mas diz respeito ao sentido que pretendemos dar ao tempo e à história. Nos termos definidos por Agamben (2009), ser contemporâneo prescinde de uma relação singular de adesão e distanciamento do próprio tempo, é viver nesse tempo e perceber nele um incômodo, uma discronia. Segundo o autor, “aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela”. (AGAMBEN, 2009, p. 59).

O entendimento da contemporaneidade está para além da cronologia. Ser contemporâneo está relacionado com a forma como compreendemos o nosso tempo, no que visualizamos como “presente”, a partir das múltiplas temporalidades e do jogo de luz e escuridão, no qual elas se sedimentam e na capacidade de interpretar e transformar genuinamente esse tempo.

Por isso o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura. Por isso somos, apesar de tudo, contemporâneos a esse tempo. Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma (AGAMBEN, 2009, p. 65).

Jácome (2020, p. 227), por sua vez, apresenta uma visão da contemporaneidade aplicada ao jornalismo. Em suas palavras,

a defesa do contemporâneo não deve ser entendida com a prescrição de como as pesquisas em jornalismo deveriam ser, o que nos levaria de volta à normatividade. Mas sim se trata de um gesto político de reivindicar o imperativo da força da história nas reflexões jornalísticas. Uma história, por certo, mais inclusiva, como um projeto sempre por fazer, e que nos permita pensar as problemáticas do nosso campo a partir de um presente forte, com um passado mais indeterminado, fruto de tradições vivas. Entendido sob o prisma da historicidade e do contemporâneo, o jornalismo deixa de ser um objeto delimitado a um conjunto de temas e conceitos e passa a ser um fenômeno de mediação do tempo e no tempo.

Diante disso, torna-se mais adequado compreender o jornalismo como um fenômeno histórico-social, com uma diversidade de formas, qualidades, relações e processos nas distintas realidades nas quais ele se insere e atua (JÁCOME, 2020; LEAL; JÁCOME; MANNA, 2014). Pelas tradições que permanecem vivas, por ser uma prática em constante transformação para atender as demandas da sociedade, por agir no presente e, ao mesmo tempo, deslocar-se dele movido por um incômodo e pela necessidade de reflexão, é que se torna possível atestar a contemporaneidade do jornalismo

Manifestações e caracteres do Jornalismo na Contemporaneidade

Parte do exercício de compreensão do jornalismo contemporâneo reside no entendimento do seu próprio modo de existência, ou seja, torna-se mais adequado falar de “jornalisms”, como tentativa de abarcar as diferentes maneiras através das quais as informações são produzidas e chegam até o público.

Compartilho novamente a compreensão de Jácome (2020, p. 26), de que os conceitos de jornalismo emergem e se relacionam com aspectos contextuais que se delineiam em seu entorno e, nesse entendimento, uma visão linear e circular da história

do jornalismo não dá conta da complexidade inerente à trajetória de uma prática tão ampla e multifacetada. Na busca por compreender o que é o jornalismo e o que ele envolve, o autor chama a atenção para a polissemia do termo, “que diz respeito a emaranhados de relações que envolvem sujeitos, objetos, organizações, rotinas produtivas, tecnologias, textualidades, campos profissionais, regulação de valores, de práticas etc.” (JÁCOME, 2020, p. 31). Por isso, faz mais sentido compreender o jornalismo não a partir de um conceito dado à priori, mas visualizá-lo como um tornar-se, um permanente “vir a ser”, uma prática em constante transformação.

O jornalismo precisa ser percebido como um fenômeno histórico que possui um sistema de crenças e uma lógica de produção, próprios. Muito do que se compreende acerca dessa atividade advém do próprio discurso autorreferente dos jornalistas. Parte do jogo que compunha a práxis jornalística se deu com a criação de uma autoimagem fundamentada em “mitos” como imparcialidade, verdade, neutralidade, objetividade, distanciamento e jornalismo como “Quarto Poder”, os quais contribuíram durante muito tempo para a construção de um *ethos* composto por valores internos e externos essenciais para a legitimação e credibilidade tanto dos veículos quanto dos profissionais, mas que no decorrer da sua própria história deixaram de ser percebidas como pilares da profissão.

Os elementos mencionados acima contribuíram para a formação de uma visão idealizada do jornalismo, ao tempo em que construíram um véu sobre a realidade histórica de precarização do trabalho do jornalista. Criou-se, então, um hiato entre um modo de ser idealizado do jornalismo e seus processos históricos verificáveis (JÁCOME, 2020). Silva (2015, p. 26) enfatiza que a construção da notícia é permeada por convenções sociais, valores culturais, valores profissionais e os chamados “valores-notícia”, sendo estes últimos o conjunto de características que determinam se um fato tem potencial para ser divulgado ou não. Nas palavras da autora, a construção de uma notícia é uma “mescla que participa das rotinas produtivas, dotando as notícias de sentido e também intervindo nos modos como as relações de poder- e de saber - se dão no exercício da profissão” (SILVA, 2015, p. 26).

Ainda na trilha das reflexões filosóficas de Beltrão (2012), é possível apontar como caracteres contemporâneos do jornalismo a convergência, o hibridismo, a hipertextualidade, a cocriação, a multidisciplinaridade. Esses e tantos outros termos fazem parte da rotina de quem produz e de quem consome informações que circulam meio digital, que tem predominado na nossa maneira de gerar e consumir conteúdo jornalístico.

As tecnologias da comunicação e da informação foram responsáveis por grandes alterações nos modos de ser/agir do jornalismo, mas as mudanças nessa prática social precisam ser concebidas em um processo sócio histórico, partindo de um movimento da sociedade que as incorpora e passa a concretizar suas relações tendo essas tecnologias como instrumento. Salaverría (2021, p. 21, tradução nossa) argumenta que,

No último quarto de século, o jornalismo passou pela transformação mais rápida de sua história. Talvez também a mais profunda. De fato, não poucos autores a descreveram como uma "revolução" (Feldman, 2003; Esterina; Witson, 2017), embora outros prefiram um termo mais moderado e a descrevam como simples "evolução" (Scolari, 2013b). Seja qual for o termo escolhido, a verdade é que uma enxurrada de inovações tecnológicas, logísticas e profissionais mudou fundamentalmente todo o ecossistema de informação⁴.

Cardoso (2018, p. 43) descreve que a produção de notícias on-line deve considerar “o acesso não linear das matérias jornalísticas, a descentralização do discurso social e da produção de conteúdos, a migração dos leitores dos jornais impressos para o meio digital e o acesso de sites noticiosos por dispositivos móveis”, fatores de impacto na construção das narrativas jornalísticas, as quais, como aponta a autora, devem agregar recursos inovadores e interativos para apresentar os fatos ao público.

Outro ponto que merece atenção é a força das mídias sociais na difusão de conteúdos, sejam eles jornalísticos ou não. Elas emergiram em nosso tempo como um espaço onde todos podem ver e ser vistos, podem buscar, produzir e compartilhar os mais diversos tipos de conteúdo, de modo que pensar o jornalismo contemporâneo implica em reconhecer a influência das mídias sociais na circulação de notícias. Segundo Smith (2018, p. 10),

Compreender o mundo através das redes ganhou importância com a revolução da mídia social, que absorveu bilhões de pessoas. Enquanto conectamos coisas, “curtimos”, aceitamos amigos, retuitamos, “favoritamos” e seguimos uns aos outros, formamos redes de relações que agora são mais visíveis do que jamais foram. O uso massivo da mídia social torna as conexões entre as pessoas mais visíveis e mais facilmente coletáveis, revelando um panorama de associações humanas. Esse panorama não é simples. As redes sociais humanas

⁴ No original: En el último cuarto de siglo, el periodismo ha experimentado la transformación más rápida de su historia. Acaso también la más profunda. De hecho, no pocos autores la han calificado como “revolución” (Feldman, 2003; Sterin; Witson, 2017), aunque otros prefieren un término más moderado y la describen como simple “evolución” (Scolari, 2013b). Cualquiera que sea el término elegido, lo cierto es que un aluvión de innovaciones tecnológicas, logísticas y profesionales ha cambiado de raíz la totalidad del ecosistema informativo.

tomam formas variadas, cada uma refletindo um tipo de processo social gerador diferente.

Esse cenário, assinalado pela flexibilidade e dinamismo, tem provocado um intenso processo de ressignificação dos meios/plataformas que tradicionalmente marcaram o cenário da comunicação social. Os rituais midiáticos comuns na era pré-internet aos poucos foram cedendo lugar aos imperativos do mundo on-line. Em uma análise sobre a transição trazida pelo crescimento das mídias sociais, Couldry (2019, p. 417) ressalta que,

Antes das plataformas de mídias sociais, a vida social era localizada apenas parcialmente online e apenas para algumas pessoas que escreviam *blogs*, registravam comentários regularmente e participavam de espaços como jogos online e listas de discussão. Em 2012/2013, a vida social para uma grande parcela da população em muitos países começou a ser principalmente online, em plataformas digitais. Claramente, isso não era algo que os teóricos sociais pudessem ignorar.

Em uma visão semelhante, D’Arcadia e Carvalho (2020, p. 523) defendem a hipótese de que “as mídias sociais deslocaram o protagonismo da informação factual antes imantado pela imprensa convencional”, criando o que os autores chamam de “novas territorialidades da informação”.

Com a internet e, particularmente, a popularização das redes sociais, a relação que os meios tradicionais estabeleciam, com o tempo (em perspectiva cronológica), foi alterada. As rotinas de fechamento das edições impressas e do período de duração dos telejornais passaram a coexistir com um trabalho contínuo, 24 horas por dia e sete dias por semana, característico do jornalismo digital. Todos esses fenômenos que atravessam as rotinas de produção do jornalismo se dão em resposta à nossa relação com os meios tecnológicos através dos quais operamos no mundo social.

Os parâmetros de produção das notícias atravessam uma experiência de flexibilização e os profissionais procuram meios para coletar e formatar informações de modo a entender ao perfil de um público mais participativo, crítico e ativo, que aprendeu a selecionar o conteúdo e as fontes que deseja acessar, conforme seus próprios gostos, preferências, crenças e ideologias. Assim, em meio às novas condições de operacionalização dos seus fazeres, o jornalista profissional vivencia um momento de indefinição da sua identidade.

Christofoletti e Oliveira (2011, p. 95) descrevem que as tecnologias digitais são tão atuais quanto necessárias, mas a incorporação dessas ferramentas no jornalismo não

pode ser feita sem um olhar crítico sobre seus pressupostos éticos. “Nessa perspectiva, questionar, confrontar, apresentar novas formas de ser jornalista e fazer jornalismo parece ser uma atitude acertada diante de um cenário tão indeterminado e com vastas possibilidades”. Assim, o cenário atual impõe uma mudança de atitude do jornalista diante dos inúmeros desafios encontrados na profissão em mundo globalizado; exige-se desse mercado uma atuação mais proativa, no intuito de garantir a sua própria sobrevivência (HUANG, 2014).

O estudo realizado pelo autor acima citado, com jornalistas que atuam na área digital, demonstrou que o mercado tem requerido competências para além das técnicas clássicas de apuração e redação da notícia. Para atuar hoje no jornalismo, exige-se o conhecimento do funcionamento da internet, domínio de redes sociais e aplicativos, habilidade para escrever textos leves e acessíveis, editar fotos e vídeos, ter conhecimento de diferentes idiomas, estar continuamente conectado e apto a realizar diferentes tarefas ao mesmo tempo. É importante frisar que esse processo não gerou apenas mudanças positivas no exercício do jornalismo. A incorporação das tecnologias de comunicação e informação que ocasionaram em ampla medida o surgimento da figura do profissional “multitarefa”, gerou conseqüentemente uma precarização do seu trabalho.

As tecnologias digitais não podem ser, por si só, responsabilizadas por esse contexto de precarização e que, conforme explica Dantas (2019) esse ofício sempre foi precarizado. Mesmo depois da sua regulamentação, questões salariais e outras condições de trabalho ainda soavam problemáticas. O que o uso da internet no contexto jornalístico proporcionou foi o agravamento dessas condições de trabalho.

Os agentes e as condições do jornalismo contemporâneo: “contornos indecisos”

Como mencionado anteriormente, Beltrão (1992) identifica os agentes do jornalismo como “público”, “editor”, “técnico” e “jornalista”. Na perspectiva contemporânea do jornalismo, levando em conta as transformações nas funções que esse profissional pode desempenhar, os agentes serão delimitados em “jornalista” e “público”.

Em uma ampla discussão sobre a ética e a deontologia do jornalismo, Cornu (1994) classifica essa atividade como uma profissão de contornos indecisos. Bourdieu (1997), por seu turno, tece duras críticas à prática jornalística, apontando que ela possui

suas próprias leis, definidas por sua posição no mundo global e pelo poder de atração e repulsão que sofre de outros microcosmos. Na visão do autor,

[...] o campo jornalístico, como os outros campos, baseia-se em um conjunto de pressupostos e de crenças partilhadas (para além das diferenças de posição e de opinião). Esses pressupostos, os que estão inscritos em certos sistemas de categorias de pensamento, em certa relação com a linguagem, em tudo o que implica, por exemplo, uma noção como “passa-bem-na-televisão”, estão no princípio da seleção que os jornalistas operam na realidade social, e também no conjunto das produções simbólicas. Não há discurso (análise científica, manifesto político etc.) nem ação (manifestação, greve etc.) que, para ter acesso ao debate público, não deva submeter-se a essa prova de seleção jornalística, isto é, a essa formidável *censura* que os jornalistas exercem, sem sequer saber disso, ao reter apenas o que é capaz de lhes *interessar*, de “prender sua atenção” (BOURDIEU, 1997, p. 67).

Os próprios jornalistas, pela multiplicidade de áreas em que podem atuar, transmitem uma imagem pouco homogênea de si e da profissão. E quem, afinal, é o jornalista? Alguém que adota as palavras como ferramenta de trabalho e tem como objetivo retratar uma leitura e uma seleção da realidade que se cristaliza no cotidiano. Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO – Ministério do Trabalho), existem pelo menos oito funções vinculadas ao exercício da profissão, dentre as quais encontramos: Arquivista pesquisador (jornalismo), Assessor de imprensa, Diretor de redação, Editor (categoria subdividida em Editor assistente, Editor de arte, Editor de fotografia, Editor de imagem, Editor de rádio, Editor de web, Editor de área e Editor executivo), Repórter, produtor e revisor de texto. Na descrição sumária dessa ocupação lemos a seguinte definição:

Recolhem, redigem, registram através de imagens e de sons, interpretam e organizam informações e notícias a serem difundidas, expondo, analisando e comentando os acontecimentos. Fazem seleção, revisão e preparo definitivo de textos a serem divulgados em jornais, revistas, televisão, rádio, internet, assessorias de imprensa e quaisquer outros meios de comunicação com o público (CBO, título 2611, Profissionais do jornalismo)⁵.

O jornalista é alguém que antes de empunhar seu gravador ou se posicionar diante das telas para redigir o fato a ser noticiado, é alguém que compartilha um sistema de valores e crenças, que possui predileções, paixões e inclinações próprias, mas que deve

⁵ Disponível em: CBO - Descrição - 5.1.7 (mteco.gov.br). Acesso em 15/12/2022.

estar apto a administrar e equilibrar muito bem essa multiplicidade de características pessoais ao publicar uma informação. O jornalista é, antes de tudo um ser humano e, no exercício da democracia, um cidadão. Ele é um “contador de histórias”. Das biografias de outros sujeitos ele se apropria para construir o seu relato. Na verdade, na alma da notícia não estão os fatos, mas as vidas, porque no cerne de cada acontecimento noticiado existe um nome, a história de alguém e, se há um outro, os princípios éticos não podem ser esquecidos. Todos os dias o jornalista deve se lembrar de que biografias não são reduzidas a números e estatísticas, portanto o cuidado com a história do outro é responsabilidade primordial desse profissional. O próprio jornalista é também uma biografia em construção.

Quem pode ser identificado como jornalista no Brasil hoje? Certamente aquele homem na televisão, trajado com terno e gravata, com expressão de seriedade, sentado atrás de uma bancada, falando sobre o atentado terrorista no outro lado do mundo. E também aquele outro, igualmente engravatado direcionando o microfone e fazendo perguntas ao deputado acusado de corrupção. E ainda aquele amontoado de pessoas - umas carregando gravadores, outras câmeras de filmar, outras máquinas fotográficas super poderosas - no estádio de futebol, em volta de um técnico que acaba de perder a copa do mundo (LOPES, 2012, p. 14).

Uma profissão que tem pelo menos quatro séculos de existência e que ao longo desse período desenvolveu seus métodos e técnicas próprios e uma deontologia peculiar que norteia desde a seleção até a transmissão de informações para o público.

Na sociedade do conhecimento, à qual Meditsch faz referência, e levando em consideração as condições de trabalho, as relações profissionais, o acesso facilitado aos meios de produção de conteúdo, e a não exigência do diploma para o exercício da profissão – no caso do Brasil, por exemplo – é de suma importância que o jornalismo seja afirmado enquanto atividade intelectual e, tal consciência não pode ser alcançada passando ao largo experiência acadêmica. Na perspectiva apresentada pelo autor, os cursos de jornalismo devem se tornar lugares de “aprender a aprender” e de “ensinar a aprender”, mas, principalmente, de aprender a apreender a realidade”. (MEDITSCH, 2007, p. 54).

Conclusão

Diante das reflexões aqui empreendidas, é possível destacar que o presente e o futuro do jornalismo perpassam pela sinergia estabelecida entre o jornalista e os cidadãos no ambiente digital. Antonioli (2018, p. 28) considera que “as redes sociais se tornaram um ambiente também para o Jornalismo e o profissional deve ter as competências necessárias para participar e para postar sua produção ou parte dela”.

Se no antigo sistema de produção e difusão de conteúdo os consumidores deveriam adaptar sua rotina de acordo com o tipo de mídia que consumiam, atualmente a mídia vive numa corrida para se adequar ao comportamento da sua “clientela”. Como característica desse tempo, as notícias têm sido produzidas sob demanda, podendo ser acessadas como, quando e o quanto o público desejar. Com a popularização das tecnologias da informação e da comunicação, experimentamos em nossos dias uma exposição a informações de diferentes naturezas e fontes como nunca antes foi imaginado.

Compreende-se, portanto, que o jornalismo não é, mas torna-se, pois é vivo e acompanha as demandas do seu tempo. Ao evidenciar aspectos do mundo do trabalho dos jornalistas na contemporaneidade, observando um contexto profissional tão plural e diverso, é importante refletir sobre qual mercado os estudantes de jornalismo graduados sob a égide das mais recentes DCNJ irão atuar. Cabe o questionamento se essas Diretrizes preparam os estudantes para uma realidade profissional que não existe mais e se a teoria e a prática continuarão caminhando em um permanente descompasso. Portanto, mais do que apresentar um conceito de jornalismo, a minha intenção foi lançar um olhar para o universo profissional que os egressos das escolas de jornalismo encontrarão diante de si.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó-SC: Argos, 2009.

ANTONIOLI, Maria Elisabete. Jornalista profissional: novas competências para o egresso do bacharelado em Jornalismo. *In*: PINHEIRO, Elton Bruno; VARÃO, Rafiza; BARCELLOS, Zanei (org.). **Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: EDUSP, 1992.

BELTRÃO, Luiz. **Metodologia do ensino de jornalismo**. Uberlândia: EDUFU; São Paulo: Intercom, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAMPONEZ, Carlos; OLIVEIRA, Madalena. Jornalismo em contexto de crise sanitária: representações da profissão e expectativas dos jornalistas. **Comunicação e Sociedade**, v. 39, p. 251-267, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.pt/pdf/csoc/v39/2183-3575-csoc-39-251.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

CARDOSO, Suzana Guedes. A Transitoriedade da mídia impressa para o formato digital: reflexões da narrativa visual, multimídia e multimodal da notícia. *In*: PINHEIRO, Elton Bruno; VARÃO, Rafiza; BARCELLOS, Zanei (Org.). **Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; OLIVEIRA, Cândida de. Jornalismo pós-WikiLeaks: deontologia em tempos de vazamentos globais de informação. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação (FACOM), v. 9, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5072>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Piaget, 1994.

COULDRY, Nick. Do mito do centro mediado ao mito do big data: reflexões do papel da mídia na ordem social. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 407-431, set./dez. 2019. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/2126/pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

D'ARCÁDIA, João Guilherme da Costa Franco Silva; CARVALHO, Juliano Maurício de. As novas territorialidades da informação e o não-lugar da notícia. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 17, n. 50, p. 522-535, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2276/pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto. **O impacto das condições de trabalho e da precarização da profissão na vida do jornalista**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

DIAS, Luis Otávio. **Desafios para o ensino de jornalismo no século XXI frente às novas práticas da profissão na era digital**: uma análise a partir do caso brasileiro. Orientador: Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. 2018. 555 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

HOHLFELDT, Antonio. Cinquentenário de publicação de Iniciação à filosofia do Jornalismo, de Luiz Beltrão. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, jul./dez. 2010. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/616/455>. Acesso em: 26 nov. 2021.

HUANG, Tom. Storytelling in the Digital Age. In: McBRIDE, Kelly; ROSENSTIEL, Tom. **The new ethics of journalism**. Los Angeles: SAGE, 2014.

JÁCOME, Phellipy. **A constituição moderna do jornalismo no Brasil**. Curitiba: Appris, 2020.

LEAL, Bruno Souza; JÁCOME, Phellipy; MANNA, Nuno. A “crise” do jornalismo: o que ela afirma e o que ela esquece. *Líbero*, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 145-154, jul./dez. 2014. Disponível em <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/113/89>. Acesso em 24 nov. 2021.

LOPES, Fernanda Lima. **Jornalista por canudo: o diploma e o curso superior na construção da identidade jornalística**. Orientador: Ana Paula Goulart Ribeiro. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 41-62, abr./jul. 2007.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan./jun. 2011.

SÁDABA, Charo; SALAVERRÍA, Ramón. Combatir la desinformación con alfabetización mediática: análisis de las tendencias en la Unión Europea. **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 81, p. 17-33, 2022. Disponível em: <https://nuevaepoca.revistalatinacs.org/index.php/revista/article/view/1471>. Acesso em: 19 set. 2022.

SALAVERRÍA, Ramón. Veinticinco años de evolución del ecosistema periodístico digital en España. In: SALAVERRÍA, Ramón; MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (coord.). **Medios nativos digitales en España: Caracterización y tendencias**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2021. Disponível em: <https://www.comunicacionsocial.es/media/comunicacionsocial/files/sample-133545.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA, Márcia Veiga da. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Orientador: Virgínia Pradelina Fonseca. 2015. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SMITH, Marc. Conectando o poder das redes sociais. In: RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2018.